



**GUILHERME CASAROES**  
colunista  
&  
**ROBERTO VINÍCIUS GAMA**  
convidado  
guilhermecasaroes@odebatedouro.com.br



**BELO  
HORIZONTE**

an Lise

## Modelagem, Simulação e Relações Internacionais *Limites e possibilidades (parte II)*

Já expostos os embasamentos teóricos que fundamentam a discussão acerca da utilização de modelagem e simulações nas Relações Internacionais, procederemos agora a um histórico das atividades desta natureza ocorridas ao redor do planeta.

É notável a proximidade entre o surgimento das Relações Internacionais como área autônoma do conhecimento, a ascensão da primeira organização política autenticamente "internacional"<sup>21</sup> e a prática pedagógica das simulações no campo. Em 1919 fundou-se, na universidade de Aberystwyth, em Gales, o primeiro curso voltado para "o mundo lá fora", com o nome de *International Politics*. É também britânico o primeiro departamento de Relações Internacionais de que se tem notícia, criado em 1924 na *London School of Economics*.

Os primeiros anos de recuperação foram marcados, dessa forma, por interessantes desenvolvimentos da área internacional e do multilateralismo. Em fins de 1919 estabeleceu-se, baseada nos ideais wilsonianos do pós-Primeira Guerra, a Liga das Nações, organização criada com vistas a evitar um novo colapso de proporções globais por meio do desarmamento, da promoção da segurança coletiva

**"O panorama atual do uso de modelagem caracteriza-se por uma ampla diversidade de possibilidades de simulação, pela realização freqüente e intensa de conferências e fóruns de simulação e pela continuação do fluxo de disseminação da 'cultura de Modelos'."**

e da diplomacia. Continha, à época de sua fundação, 42 membros, representantes das Américas, Europa, África, Ásia e Oceania. Destaque para os países que naquele momento não faziam parte da Liga: a Alemanha, derrotada na guerra (que ingressou na Liga em 1926 e debandou em 1933, com a ascensão de Hitler ao poder), a Rússia, em vias de estabilizar o governo socialista (ingressou em 1934, já como União Soviética, e foi expulsa em 1939), e os Estados Unidos, detentor da situação mais inusitada: não obstante os esforços do então presidente Woodrow Wilson, cujos "quatorze pontos" foram essenciais na fundação da Liga das Nações, o Senado norte-americano vetou a entrada do país na organização – que não pôde contar com a presença da grande potência em ascensão até o fim de sua existência.

O movimento de utilização de simulações no campo das RIs não tardou a dar seus passos iniciais. Apesar da falta de documentação específica sobre o assunto, os mais fortes indícios apontam para o surgimento de Modelos de Liga das Nações (MLNs) no despertar da década de 1920. Harvard clama para si a realização do primeiro MLN da história, em 1927, voltado para alunos secundaristas.<sup>22</sup> Outras fontes sinalizam o ano de 1923 como marco da realização de

<sup>21</sup> Vale ressaltar o pioneirismo do caráter político da Liga das Nações, organização surgida no pós-Primeira Guerra, em contraposição a outras organizações internacionais à época, de natureza política reduzida: União Telegráfica Internacional (1865) e União Postal Universal (1874).

<sup>22</sup> "[T]he tradition of high school diplomacy simulations (...) first began with (...) the Harvard Model League of Nations, in 1927". Em: <http://www.harvardmun.org/2003/websys.exe?file=modelun/prospect.html&item=0>

MLNs, em universidades alemãs.<sup>23</sup> Independentemente da origem, o detalhe que atrai nossa atenção é que, em ambos os casos, as simulações da Liga das Nações foram primeiramente projetadas e ocorriam em países que não eram membros da organização, o que nos leva a crer que o trabalho da Liga era de algum modo divulgado – e bem divulgado – mesmo onde sua presença não era direta. Esse fenômeno pode ser considerado parte de um ideário “internacionalista”, especialmente significativo nos EUA, mas que não foi capaz de se sobressair ao isolacionismo estadunidense como pensamento dominante<sup>24</sup> até a Segunda Grande Guerra.

Ao longo da existência da Liga das Nações, simulações de suas assembleias e de seus processos decisórios surgiam e fortaleciam-se, principalmente dentro dos Estados Unidos. Em Nova Iorque (*National Model League of Nations*) e em Boston (*Harvard Model League of Nations*), eventos dessa natureza já ocorriam desde a década de 1920. Nos anos 30, conferências como o *New England MLN*, o *Hobart and William Smith Colleges MLN*, e o *Model League of Nations of Macalester College* (onde estudou o atual Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan) tomaram proporções consideráveis.<sup>25</sup> Durante nosso levantamento bibliográfico, não encontramos fontes que apontassem para a existência de simulações como os MLNs na França ou na Inglaterra, que à época também avançavam no desenvolvimento de seus estudos internacionais.

### **A criação das Nações Unidas e a prática de modelagem e simulação**

Como já apresentado – tanto nas linhas acima quanto, de forma sucinta, na primeira parte da presente série de artigos<sup>26</sup> –, as simulações e Modelos da Liga das Nações apresentam-se como marco de modelagem e simulação em Relações Internacionais.

Mas, se as simulações da Liga das Nações foram a “fagulha inicial” do uso de modelagem e simulação em RIs (com ênfase em organizações internacionais), o período pós-II Guerra Mundial e decorrente criação das Nações Unidas representa, então, a evolução do status de “fagulha” ao de “chama”, em que a atividade intensifica-se, consolida-se através de um amplo fluxo difusor e culmina no que pode ser considerado um *boom* (explosão – em termos de expansão/disseminação, intensidade e frequência de realização) da “cultura de Modelos” –

representado, em suma, pela “difusão da cultura de Modelo das Nações Unidas” (*spread of MUN<sup>27</sup> culture*).

Considerando analiticamente a prática de modelagem e simulação e as Nações Unidas, percebe-se que houve (e ainda há), entre estas, um fluxo recíproco de apoio em termos de (re)conhecimento e difusão, um sistema de fomento e incentivo entre ambas as partes. Dessa maneira, as Nações Unidas (desde sua criação até o momento atual) fomentou e intensificou o ímpeto de simular organizações internacionais, promovendo a modelagem e simulação. De maneira semelhante, a prática de simulação das Nações Unidas (caracterizada por um imenso leque de opções, devido à quantidade de órgãos constitutivos destas) intensificou o fluxo difusor de (re)conhecimento da organização, fomentando a legitimação desta como principal fórum e cenário de negociações internacionais/multilaterais.

Isso pode ser (de certa forma) exemplificado pelo fato de que há, inclusive, conferências que realizam parte de suas atividades na sede das Nações Unidas (UN Headquarters)<sup>28</sup> – estas, enquanto apoiadoras e incentivadoras da prática de modelagem e simulação de negociações internacionais.

Outro exemplo interessante é o fato de que a prática de modelagem e simulação é tão vinculada/atrelada às Nações Unidas que, principalmente desde os anos 90, atribui-se à gama de conferências e fóruns (usualmente chamados de Modelos) de simulação de organizações internacionais a denominação geral de *MUNs (Model United Nations)*, mesmo que muitos deles não se restrinjam apenas a simular órgãos/comitês dessa organização.

Colaborou ainda para a difusão da prática de modelagem e simulação em RIs o contexto internacional da Guerra Fria, com sua carga de negociações acirradas, atritos (dissimulados e/ou explícitos) e crises iminentes. Pode-se dizer que o próprio furor e intensidade das reais negociações internacionais reverberaram no plano simulacional, fomentando a crescente prática de modelagem e simulação mundo afora.

Um papel importante tanto das Nações Unidas quanto do contexto internacional em si diz respeito ao fato de que tal cenário disponibilizou novas e diversificadas possibilidades de simulação, especialmente como decorrência da criação de diversas organizações internacionais como as Nações Unidas (já citada), a Organização dos Estados Americanos, a União Européia (e seus predecessores), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o Pacto de Varsóvia, entre outras.

Portanto, é durante o período pós-criação das Nações Unidas que a atividade de modelagem e

<sup>23</sup> [http://www.clubofhohenheim.org/html/projekte\\_nmun.htm](http://www.clubofhohenheim.org/html/projekte_nmun.htm) (em alemão).

<sup>24</sup> Ainda assim, associações independentes que lidavam com a Liga das Nações existiam, e perduraram, nos Estados Unidos. A Associação Não-Partidária da Liga das Nações surgiu em 1923 e, após a Segunda Guerra, transformou-se na forte United Nations Association of the United States of America (UNA-USA).

<sup>25</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Model\\_United\\_Nations](http://en.wikipedia.org/wiki/Model_United_Nations).

<sup>26</sup> Vide O Debatedouro, ano IV, 59ª edição.

<sup>27</sup> MUN: Model United Nations.

<sup>28</sup> A sede (*Headquarters*) das Nações Unidas situa-se em: *First Avenue at 46th Street, New York, NY*.

simulação em Relações Internacionais tem seu mais expressivo desenvolvimento, estando relacionada ao contexto internacional geral. Não obstante a importância da Guerra Fria na difusão da simulação de negociações internacionais, é exatamente após a Guerra Fria, na década de 90, que se reconhece o fluxo mais intenso de disseminação transfronteiriça da chamada "cultura de Modelos", tendo os Estados Unidos (EUA) como núcleo difusor.

Os fatores contextuais apresentados promoveram, assim, a difusão do uso de modelagem e simulação em Relações Internacionais, possibilitando a realização freqüente e ampla de conferências e fóruns de simulação (principalmente em termos de organizações internacionais) durante todo o decurso de cada ano, em várias regiões do planeta.

### **Modelagem e simulação em Relações Internacionais: panorama atual**

O panorama atual do uso de modelagem e simulação em Relações Internacionais é descendente direto da situação peculiar de difusão ocorrida nos anos 90. Caracteriza-se, portanto, em suma, por uma ampla diversidade de possibilidades de simulação, pela realização freqüente e intensa de conferências e fóruns de simulação (são realizados Modelos em várias regiões do globo, durante todo o decorrer do ano, com uma variação de 15-30 a mais de 3000 participantes) e pela continuação do fluxo de disseminação da "cultura de Modelos".

Atualmente, estima-se haver mais de 400 conferências (Modelos) de simulação, em cerca de 35 países.<sup>29</sup> Esses dados, embora imprecisos (e, pode-se também dizer, desatualizados, devido à própria dinamicidade da difusão da "cultura de Modelos") – por ser bastante árduo, minucioso e ainda não realizado de forma plena (nem pelo menos quase) o processo de catalogação de todos os eventos de tal caráter –, apresentam uma base de panorama que demonstra a ampla expansão da atividade de modelagem e simulação em escala mundial.

Dentre a herança dos anos 90 que pode ser percebida na atualidade, destaca-se como mais significativa a intensificação da produção acadêmica (em especial, os chamados guias de estudo – documento-base de uma simulação) vinculada à modelagem e simulação e o metadébate concernente a tal prática simulacional. Por metadébate, entende-se a produção (acadêmica ou não) textual e oral (em debates, e/ou mesas-redondas, por exemplo) sobre o uso de modelagem e simulação em Relações Internacionais.

Embora ainda uma questão frágil, pouco desenvolvida (em estágio de "incubadora"), a produção metassimulacional de artigos, textos e publicações (ainda concentrada nos EUA)<sup>30</sup> sobre a aplicação de modelagem e simulação no ensino de Relações Internacionais é um esforço necessário, pois a ausência de uma produção intensa (ou pelo menos mais especializada) sobre tal assunto reverbera em hiatos prejudiciais entre "o pensar" e "o aplicar" relacionados à modelagem e simulação,<sup>31</sup> algo essencial ao se tratar destas como meios/ferramentas de ensino-aprendizado.

Outro aspecto importante percebido no panorama atual é o fato de que a atividade de modelagem e simulação está, aos poucos, sendo reconhecida (embora ainda, por vezes, de forma um pouco supérflua) como ferramenta paradigmática de Relações Internacionais, o que pode ser constatado tanto pela utilização da prática simulacional em disciplinas-base (ou gerais) quanto pela criação de disciplinas específicas de prática de negociações internacionais. Portanto, modelagem e simulação, de certa forma, começam a ser inseridas em programas/planos curriculares de cursos de Relações Internacionais (especialmente em graduações).

Também um elemento interessante é a questão do reconhecimento do caráter interdisciplinar de modelagem e simulação, o que possibilita um uso mais versátil e um aprendizado mais rico (e também mais adequado ao estudo das RIs, pelo fato de lidar com os diversos aspectos do contexto internacional), e também um intercâmbio extremamente profícuo entre Relações Internacionais e outras áreas de conhecimento.

Assim, no atual panorama (com ênfase em Relações Internacionais), modelagem e simulação representam uma alternativa peculiar, um meio de aprendizado-ensino, caracterizado pela dinamicidade, pela versatilidade, pela interdisciplinariedade, pela posição ativa, pela experimentação de vivências, e pelo fluxo de aprendizado aluno-aluno – em maior grau que o fluxo aluno-professor (tal fluxo, dependendo da situação em que a prática simulacional é realizada, também está presente), mostrando-se relevantes para o estudo das RIs.

Nessa segunda parte da série de artigos sobre Modelagem, Simulação e Relações Internacionais, pretendeu-se apresentar a evolução da prática simulacional em RIs, enfatizando os períodos pré e pós-criação das Nações Unidas e o panorama atual da atividade.

---

**O CONVIDADO: Roberto Vinícius Gama** é bacharelado em Relações Internacionais pela PUC-MG.

---

<sup>30</sup> Exponentes na área do meta-débate e da inserção dos MUNs na seara pedagógica são os trabalhos de periódicos como *International Studies Perspectives* e *Simulation and Gaming*.

<sup>31</sup> Nesse sentido, justifica-se o uso do adjetivo "ambiciosa" ao referir-se à presente série de artigos (vide Introdução da Parte I da série – O Debatedouro, ano IV, 59ª edição), pois pretende-se iniciar no Brasil um debate e produção sérios sobre o uso de modelagem e simulação em Relações Internacionais.

---

<sup>29</sup> UN Cyberschoolbus – Model United Nations – FAQs: <http://www.un.org/cyberschoolbus/modelun/faq.html>.